

Documento de trabalho

«O sonho missionário de chegar a todos»

1. A Igreja que peregrina em Lisboa quer ser testemunha da alegria do Evangelho e rosto da misericórdia de Deus. Animada pelo convite sempre novo do Senhor Jesus – «faz-te ao largo» (Lc 5, 4)¹ –, ela sabe que a isso sempre a impele o Bom Deus, pela sua Palavra, no seu Espírito. O mandato perene a ser «sal da terra e luz do mundo» (cf. Mt 5, 13-14) e a vontade crente de ser aí fermento evangélico (cf. Lc 13, 20-21) chamam-na a uma nova estação da vida eclesial. As transformações do mundo onde está reforçam a urgência de acolher com esperança e ousadia os sinais dos tempos. Em caminhada sinodal, ela abraça com entusiasmo o chamamento sempre renovado a deixar-se evangelizar e a ser evangelizadora.
2. Impelida pelo Espírito Santo «que infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia» (EG 259), a Igreja acolhe o desafio de uma «transformação missionária» na certeza de que o Espírito é o autêntico protagonista da missão (cf. EG 19-20; RM 21.30; EN 75). Ao olhar a complexidade do mundo contemporâneo, a Igreja reconhece a atualidade e universalidade do mandato missionário que lhe foi confiado por Jesus: «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado» (Mt 28, 19-20). Por outro lado, face aos atuais desafios evangelizadores, atesta que o Senhor não cessa de lhe conferir a força e os meios necessários para avançar com confiança. Cristo ressuscitado prometeu uma assistência efetiva à sua Igreja garantida pela presença ativa e fecunda do seu Espírito que em todas as circunstâncias coopera com a missão (cf. Mt 28, 21; Mc 16,20). No tempo presente, em que se alargam «os horizontes e possibilidades da missão» (RM 30), o Espírito recorda à Igreja a índole da sua vocação missionária (cf. EN 14) e envia-a a lançar-se numa nova e primeira evangelização tão necessária no nosso contexto social e cultural (cf. EE 46).
3. O presente *Documento de trabalho* é um fruto da dinâmica sinodal querida e implementada no Patriarcado de Lisboa e com a qual se procura dar resposta à exortação do Papa Francisco, dirigida à Igreja universal, a «uma nova etapa

¹ NMI, 1: «*Duc in altum!* Estas palavras ressoam hoje aos nossos ouvidos, convidando-nos a lembrar com gratidão o passado, a viver com paixão o presente, abrir-se com confiança ao futuro: “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e sempre” (Hb 13, 8)».

evangelizadora» (EG 1). Com a convocação do *Sínodo diocesano* quis-se dar corpo à indicação do Romano Pontífice para se promoverem os diversos «organismos de participação propostos pelo *Código de Direito Canónico*» e ao desejo de «ouvir a todos» para o incremento eclesial de uma «comunhão dinâmica, aberta e missionária» (EG 31). A comemoração dos 300 anos da qualificação da diocese de Lisboa como Patriarcado ofereceu a ocasião para esta procura comum de caminhos novos para uma presença eclesial evangelizadora e capaz de responder aos desafios deste tempo.

Desde setembro de 2014, muitos cristãos, em vários contextos eclesiais (paróquias, serviços diocesanos, movimentos, famílias, grupos especialmente constituídos para o efeito, entre outros), vêm lendo a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho*, assumida como inspiração e guião do *Sínodo diocesano*, e refletindo à sua luz sobre os caminhos que a Igreja de Lisboa é hoje chamada a percorrer. O presente *Documento de trabalho* recolhe estes contributos e procura sistematizar o fruto desta reflexão diocesana em ordem a servir de base aos trabalhos da Assembleia do Sínodo (27 de novembro a 4 de dezembro de 2016).

No contexto da sua história recente, esta empresa eclesial sintoniza-se quer com a reflexão e ação desenvolvidas em torno do *Plano de Ação Pastoral do Patriarcado de Lisboa (1976)*², quer com a experiência do *Congresso Internacional para a Nova Evangelização (ICNE – 2003-2007)*, particularmente no que se refere à sua mobilização para um estilo eclesial mais assumidamente evangelizador e presente nos espaços quotidianos da nossa sociedade.

I. «[Uma] mudança de época» (EG 52): escutar o mundo e olhar a Igreja

4. «Deus viu que era bom» (cf. Gn 1, 1-36). Ecoam ainda hoje estas palavras primordiais da criação. Para quem crê em Cristo, elas não caducaram com o tempo nem perderam a sua verdade profunda. Pelo contrário, elas interpretam o olhar com que Deus sempre olha o mundo em cada tempo e, portanto, também no nosso. Assim se reconhecem os cristãos católicos de Lisboa e assim reconhecem o mundo ao qual pertencem e no qual vivem a sua fé: sempre sob o olhar

² Já então se procurava estimular uma renovação missionária da Igreja: «Um plano pastoral não pode limitar-se a reformas tímidas, apenas conservando e transformando o que já existe. Não basta reproduzir coisas velhas, mais ou menos inteligentemente reformadas; é preciso criar coisas inteiramente novas, segundo a Palavra do Senhor: “vinho novo em odres novos” (Mc 2, 22). Uma Igreja que se renova tem de ser sensível à mudança, aceitando realizar as transformações necessárias» («Plano de Ação Pastoral para o Patriarcado de Lisboa», in *Boletim Diocesano de Pastoral – separata*).

misericordioso e paterno de Deus. A certeza crente de que este mundo uma vez «criado e conservado pelo amor do Criador» foi liberto do pecado pela Cruz e Ressurreição de Cristo (cf. GS 2) constitui o fundamento do compromisso cristão no mundo e é gerador de uma esperança firme que nenhuma adversidade poderá jamais abafar³. Consciente deste primado da presença de Deus na observação do mundo, a Igreja de Lisboa olha para si e para o seu contexto como lugar de revelação do Evangelho e acolhe como apelos do alto os desafios com que está hoje confrontada.

5. O presente processo sinodal é também momento para a Igreja de Lisboa reconhecer em si a presença atuante de Deus. Contemplando o longo caminho por si percorrido, declara-se herdeira de um notável património de compromisso e testemunho cristão. Olha com particular gratidão para as muitas sementes de santidade que a graça divina semeou na sua história e para os frutos de caridade e de autêntica cultura humana que ela gerou entre nós. Agradece ao Senhor a dedicação ao Evangelho e ao serviço do próximo de inúmeros dos seus filhos e filhas, tanto em tempos remotos como no presente. Neste exercício de memória, reconhece igualmente nem sempre ter estado e de nem sempre estar à altura da sua sublime vocação. Por isso, neste caminhar conjunto para uma conversão eclesial, ela pede também perdão pelos seus erros e omissões no testemunho do Evangelho.
6. Enviada ao mundo, a Igreja participa das suas alegrias e esperanças, das suas tristezas e angústias (cf. GS 1). Ela quer estar no meio do mundo «como quem serve» (Lc 22, 27). Sem se confundir com o mundo, a Igreja também dele não se separa. Pelo contrário, verifica como as dinâmicas da sociedade deste tempo se manifestam e fazem sentir no seu seio. Neste mesmo sentido indicou D. Manuel Clemente, Patriarca de Lisboa: «O ser e o acontecer da Igreja no mundo e para o mundo constituem o ponto essencial de reflexão e celebração [...] da caminhada sinodal»⁴. Por tudo isto, a Igreja de Lisboa não se posiciona como observadora externa e crítica do seu mundo, mas como comunidade que sabe partilhar com ele muitas das suas luzes e sombras, propondo-lhe a vivência dos valores evangélicos como caminho para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

ESCUTAR O MUNDO

³ Esperança que o Papa João Paulo II, na esteira a II Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Europa (1999), considerou a «urgência maior» que atravessa o continente europeu e uma condição essencial para que se torne possível dar «sentido à vida» e «caminhar de mãos dadas» (cf. EE 4).

⁴ D. MANUEL CLEMENTE, «“O sonho missionário de chegar a todos” (EG 31). Iniciando o caminho sinodal do Patriarcado de Lisboa», in *Vida Católica* 4ª série – II/3 (maio/agosto 2014), 128-129.

7. Com o mencionado espírito de positiva cooperação com o contexto social e cultural da diocese de Lisboa, procura-se aqui fundamentar a reflexão sinodal e ação eclesial numa atenta escuta da realidade que nos envolve e de que os cristãos fazem parte. Com humildade, a Igreja quer fazê-lo em atitude de diálogo sincero. Com olhar de fé, ela quer ser sentinela dos ecos de Deus neste tempo. Com espírito profético, ela quer ainda levantar a sua voz diante daquelas circunstâncias em que o plano salvífico de Deus e a dignidade humana são postos em causa.
8. O mundo de hoje mostra-se crescentemente heterogéneo e complexo. A confluência de gentes de proveniências diversas, com a consequente transformação na forma como se geram os vínculos sociais e a noção de pertença; a dispersão dos espaços onde a vida acontece (casa, família, trabalho, escola, comércio, lazer), com enormes impactos no ritmo diário de tantos residentes na área desta diocese; as desigualdades sociais, económicas e culturais, com as diversas formas de pobreza e solidão que elas fomentam; a pluralização dos grandes referenciais que moldam a existência e determinam o seu horizonte; as intensas transformações no mundo laboral ou no âmbito familiar são apenas alguns dados observáveis na presente realidade sociocultural e que tornam evidente como esta se vai tornando progressivamente mais heterogénea⁵. Esta crescente heterogeneidade social amplifica a complexidade do mundo atual. Hoje, mais do que nunca, aumenta o número de variáveis necessárias para descrever com rigor uma determinada situação e, não poucas vezes, essas variáveis apontam mesmo em sentidos contrários. Daí que as análises se tornem cada vez mais exigentes e as soluções para os problemas difíceis de encontrar.
9. Não escasseiam no presente deste mundo notáveis sinais de esperança. Observam-se hoje, mesmo se de forma algo paradoxal, bastantes expressões de uma efetiva procura de fraternidade, tantas vezes traduzida em várias formas de voluntariado ou em gestos discretos de solidariedade. Também ao nível das organizações, verifica-se uma crescente consciência da responsabilidade social de empresas e instituições. A própria noção de habitarmos uma casa comum, tantas vezes sob a forma de consciência ecológica, vai conhecendo progressos que não devem ser ignorados.
10. Sinal de grande esperança para a Igreja é também a sede de vida espiritual que se pode constatar. É certo que os hodiernos itinerários de busca espiritual nem sempre passam pela Igreja. Todavia, a persistência desta inquietação assegura-lhe que permanece viva no coração humano a fome de sentido e de transcendência.

⁵ Dinâmicas, porventura, com maior relevância nas áreas da diocese mais intensamente urbanizadas.

As artes têm sido, por vezes, um domínio onde estas procuras se revelam e, enquanto tal, elas tornam-se também sinal de esperança no mundo.

Profundamente interpeladora é a forma pela qual muitos, mesmo quando afastados de uma regular prática cristã ou nem se considerando sequer cristãos, se voltam para a Igreja em busca de uma palavra de Deus, de uma luz do alto, de uma voz profética, de um gesto magnânimo, de um tempo de escuta ou, simplesmente, de um espaço de silêncio. Também nesta boa vontade e atitude dialogante se reconhece um sinal dos tempos que provoca e responsabiliza o testemunho eclesial.

11. Ao perscrutar o mundo, a Igreja também reconhece nele sinais de alerta. Assiste-se a um crescente individualismo, que estende os seus efeitos aos mais diversos domínios da vida: erosão da noção de bem comum e de uma prática consequente com a sua salvaguarda e promoção; desconfiança face a instituições e indivíduos que corrói os laços sociais e enfraquece o empenho político dos cidadãos; desequilibrada procura de bem-estar, associada a uma cultura do consumo que tende a tornar tudo descartável; competitividade social e económica que faz depender o valor de pessoas e realizações do seu sucesso e produtividade; uma visão hedonista da existência humana que tende não só a desconstruir uma visão integral da pessoa humana desde a concepção à morte natural, como coloca em risco a preservação da natureza e o equilíbrio ecológico. Em simultâneo, constata-se uma aceleração desumanizadora dos ritmos da vida que multiplica tensões, esgotamentos e depressões, tanto a nível social como pessoal. Verifica-se também uma negação generalizada da transcendência, manifesta numa crescente deformação ética, na superficialidade com que se abordam as questões morais, no enfraquecimento do sentido de pecado e no aumento progressivo do relativismo (cf. EG 64). Neste contexto adquire particular relevo a profunda crise cultural que atravessa a família cujos traços se manifestam, entre outros, na fragilidade dos vínculos relacionais e numa visão utilitarista do matrimónio (cf. EG 66). Ao nível internacional destaca-se também a emergência dos novos fundamentalismos e formas de terrorismo, a fragilidade das relações internacionais que ameaçam a estabilidade da paz e as desigualdades económicas que originam inúmeras formas de pobreza. Estes fenómenos patentes no mundo que somos e habitamos são, para a comunidade cristã, motivos de preocupação, na medida em que são expressão do drama que constitui a rutura do Evangelho com a cultura, mas também apelos a uma crítica construtiva e empenhada na abertura de caminhos para uma maior humanização da sociedade. A magnitude e abrangência destes desafios exigem a cooperação de todos. Consciente disto, a Igreja quer trabalhar lado-a-lado com todos os «homens de boa vontade» (cf. GS 43) na construção de um mundo melhor.

12. Neste ambiente, a par de sinais de autêntica inquietação espiritual, verifica-se também uma dispersão do universo religioso e um distanciamento do espaço cristão que interpelam a Igreja. Observa-se, por exemplo, um progressivo desconhecimento das referências cristãs que estruturam a nossa história e cultura. Este desconhecimento é, por vezes, alimentado por uma atitude de indiferença perante a questão de Deus e da fé. Estas transformações dão nota de que atravessamos, efetivamente, uma «mudança de época» e uma «viragem histórica» (EG 52) que a Igreja em sínodo quer escutar para melhor agir no mundo a que pertence e a que sempre é enviada pelo seu Senhor (cf. Mt 28, 19-20).

OLHAR A IGREJA

13. A Igreja de Lisboa, motivada por este caminho sinodal, olha também para si e para a sua realidade com humildade e fá-lo em vista da sua «conversão pastoral e missionária» (EG 25). Iluminada pelo Evangelho, fonte da sua alegria, ela quer estar à altura das necessidades deste tempo e do mandato de Jesus: «sereis minhas testemunhas» (Act 1, 8). Por isso, *o Sínodo diocesano* olha também para a Igreja, para as suas práticas e estruturas, para as suas formas de presença e linguagens, para os seus limites e potencialidades. Só encontrando-se com a verdade do que é, e tem sido a sua ação, poderá esta «porção do Povo de Deus» encetar os caminhos novos que os desafios atuais lhe pedem e a que o Espírito de Deus a quer conduzir.
14. A Igreja reconhece-se como «comunidade de discípulos» (EG 21.24) de Jesus e nisso encontra o horizonte fundamental da sua identidade e missão. Na presente caminhada sinodal do Patriarcado de Lisboa foi possível identificar expressões concretas de autêntica comunhão eclesial e vida fraterna, tais como experiências de repartição de bens e de responsabilidades; de comunhão na oração e na ação; de dom de si em família e em outras vocações de especial consagração; de gestos concretos de proximidade pastoral e de atenção aos mais necessitados; de audácia missionária e de ousadia na procura de «novo ardor, novos métodos e novas linguagens» eclesiais⁶. Também a experiência do *Sínodo* tem sido ocasião para um reforço das dinâmicas comunitárias na Diocese de Lisboa. A Igreja sente-se particularmente interpelada pela diversificação de referências eclesiais e de pertenças comunitárias de muitos dos seus filhos. Esta realidade convoca o seu discernimento e criatividade, para que esta diversificação concorra sempre para a «edificação do Corpo de Cristo» (Ef 4, 12).

⁶ Cf. PAPA JOÃO PAULO II, *Insegnamenti*, VI/1, 698; D. JOSÉ POLICARPO, «Carta pastoral: “Nova evangelização”, um desafio pastoral», in *Vida Católica* 3ª série – XII/36 (setembro/dezembro) 2010.

15. «*Não deixemos que nos roubem a comunidade!*» (EG 92). A Igreja de Lisboa verifica também em si várias expressões de «crise de compromisso comunitário» (cf. EG 50-109). As dificuldades a uma vida em Igreja mais comunitária decorrem, por um lado, de uma mentalidade mundana e pessimista, moralista e burocrata que acaba por fazer sentir os seus efeitos negativos na comunhão eclesial. Por outro lado, essas dificuldades são multiplicadas por problemas na própria organização e ação eclesiais: descoordenação pastoral e multiplicação de propostas, que tendem a dispersar esforços e recursos; tendência para privilegiar o particular e o imediato em detrimento de uma pastoral de conjunto e de continuidade, pensada a longo prazo e não tão dependente da mudança de agentes pastorais; resistência em sair de rotinas estabelecidas e empreender uma presença assumidamente mais evangelizadora; excesso de improvisado e défice de planificação em certas ações eclesiais; várias lacunas de formação entre os agentes pastorais (teológica, bíblica, litúrgica, catequética, social); consciência comunitária e vocacional da vida e da proposta cristã não devidamente consolidadas.

Olhando para si com a verdade exigente de ser comunhão, a Igreja de Lisboa quer assumir estas manifestações como lugares incontornáveis para crescer no seu «compromisso comunitário» e exercitar a sua desejada «conversão pastoral», passando de enunciados que há muito se repetem para opções efetivas e prioritárias.

16. Corpo formado por muitos membros e enriquecido pela diversidade de carismas que o Espírito nela suscita (cf. 1Cor 12), a Igreja de Lisboa reconhece o compromisso evangélico daqueles que a constituem.

17. A Igreja olha com alegria para a entrega e vitalidade de tantos dos seus ministros ordenados (bispos, presbíteros e diáconos) e reconhece a fecundidade das relações de proximidade que estabelecem com as comunidades a quem servem. Ao mesmo tempo, ela preocupa-se com a formação pessoal e espiritual dos seus pastores e verifica que subsistem sinais de uma escassa confiança nos leigos. A comunidade diocesana preocupa-se, ainda, ao verificar que os pastores estão, muitas vezes, sobrecarregados com vários encargos. Para além da dispersão que gera, este facto não promove o acompanhamento espiritual e pessoal dos fiéis, algo sentido, por estes, como de grande importância.

A Igreja de Lisboa mostra-se igualmente reconhecida pelo testemunho do Reino dado por religiosos e religiosas. Na multiforme riqueza dos seus carismas, eles tornam presente o definitivo de Deus no provisório da nossa condição. Se, por um lado, a sua presença e ação se mostram essenciais no acompanhamento de

peças e comunidades⁷, por outro, parece haver ainda necessidade de aprofundar a articulação do seu serviço pastoral com outras realidades eclesiais.

18. Entre os cristãos leigos observam-se também testemunhos do Evangelho inspiradores e interpeladores, assentes na profundidade da vida espiritual, no compromisso eclesial e na vivência da caridade. Reconhece-se a necessidade de desenvolver dinâmicas que acentuem a especificidade do seu lugar no mundo ao serviço do Reino de Deus. Por outro lado, o seu envolvimento na Igreja deve ser favorecido acentuando as dimensões de comum responsabilidade e desenvolvimento de uma consciência crítica e discernida à luz do Evangelho. Aos pastores e comunidades cristãs cabe a tarefa de proporcionar ambientes sanadores da intensa atividade dos leigos no mundo, promovendo o seu acompanhamento espiritual, gerando ambientes acolhedores e fraternos, fomentando iniciativas que os auxiliem no bom desempenho das suas funções e os tornem alegres anunciadores da mensagem cristã.
19. Neste percurso sinodal, foi também possível perceber uma renovada descoberta da vocação da família na Igreja e na sociedade⁸. A complexidade das situações familiares constitui, todavia, um desafio incontornável para a ação eclesial. Constata-se que há, ainda, um longo caminho a percorrer para que as famílias cristãs se descubram como verdadeiras igrejas domésticas e para que a comunidade eclesial se configure como autêntica «família de famílias» (AL 87).
20. A Igreja de Lisboa procura também encarnar o Evangelho de Jesus em gestos concretos de amor ao próximo. A ação social, sobretudo quando desenvolvida junto dos mais pobres, é um fator que torna mais credível a sua presença evangelizadora. Contudo, se em alguns casos essa ação é uma efetiva expressão da caridade das comunidades cristãs, noutros ela parece ter-se distanciado da sua vida e celebração da fé, assumindo, não poucas vezes, a feição de uma simples prestação organizada de serviços sociais.
Para além destas formas de exercício da caridade, verifica-se uma escassa participação dos cristãos católicos noutros domínios da vida social e política. Isto pode ser verificado na prevalência de uma certa atitude defensiva face ao mundo, na tradução imperfeita da sua mundividência moral e cultural, na dificuldade em interpretar as hodiernas mutações sociais, sobretudo em contexto urbano, ou na

⁷ Paróquias, escolas, hospitais, obras sociais, universidades, para mencionar apenas alguns espaços onde essa presença e ação podem ser observadas.

⁸ Processo, seguramente, estimulado pelos Sínodos dos Bispos sobre a família (2014; 2015) – contemporâneos desta caminhada sinodal diocesana – e pela Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia – A alegria do amor*.

escassa capacidade de acompanhar os cristãos e outros nos seus ambientes laborais.

II. «Discernir [...] com critérios evangélicos sobre a própria existência e experiência» (EG 77): critérios para a ação eclesial

21. Ao olhar o presente com verdade e esperança, a Igreja de Lisboa quer ser lugar de autêntico «discernimento evangélico», tal como preconizado pelo Papa Francisco (cf. EG 50). Ela reconhece que os exigentes desafios com que está confrontada requerem que entre «decididamente num processo de discernimento» (EG 30) acerca de si própria e da sociedade da qual faz parte. Atuando, pois, a sua vocação profética, ela quer identificar e multiplicar aquelas realidades em que reconhece a frescura do Evangelho e «as sendas do Espírito» (EG 45). Mas, também por compromisso profético, ela quer denunciar e agir sobre aquelas outras realidades onde a beleza do encontro com Cristo e a dignidade da pessoa humana são postas em causa.

Após um primeiro momento deste *Documento de trabalho*, em que se procurou observar a realidade social e eclesial, e antes de um momento final, em que se procurarão perspetivas de ação pastoral, parece conveniente apontar critérios de discernimento e de ação inspirados no Evangelho, para que nem se dilua a especificidade do discernimento eclesial nem deixe de se considerar a realidade do contexto atual.

CRITÉRIOS FUNDAMENTAIS

22. A enquadrar os critérios de discernimento explicitamente propostos na exortação *Evangelii Gaudium* está não só o seu apelo a uma «reforma das estruturas» e a uma «conversão pastoral» (EG 25.27), mas sobretudo a sua proposta de um modelo de «Igreja “em saída”»⁹. Neste modelo, todo o batizado é constitutivamente «discípulo missionário» (EG 119) e a missão é vista como

⁹ D. MANUEL CLEMENTE, «“O sonho missionário de chegar a todos” (EG 31). Iniciando o caminho sinodal do Patriarcado de Lisboa», in *Vida Católica* 4ª série – II/3 (maio/agosto 2014), 130: «Julgo que estas duas palavras – saída e periferias – podem e devem caracterizar todo o nosso caminho sinodal. A saída em relação a Deus, na oração, e a saída em relação aos outros, na ação, estimulam-se mutuamente, pois quem se aproxima de Deus descobre e aprofunda o amor divino por todas as suas criaturas, isso mesmo que é a caridade. Não caminharemos em sínodo se não ligarmos oração e ação, mais e mais, como em Jesus acontecia totalmente, sempre com o Pai e sempre para os outros».

propósito da vida eclesial¹⁰. Trata-se da adoção de um estilo cristão: proativo e que assume ousadia da iniciativa («*primeirar*»); comprometido e próximo da realidade em que se encontra («*envolver-se*»); acolhedor e disponível para fazer caminho com todos («*acompanhar*»); paciente para recolher os frutos da sua ação no tempo oportuno («*frutificar*»); capaz de celebrar os pequenos e os grandes passos da vida («*festejar*») (cf. EG 24). Nesta perspetiva evangelizadora, o anúncio cristão (querigma) é pensado dinamicamente e proposto, sobretudo, como discipulado de Cristo, como condução aos mistérios da fé (mistagogia), como iniciação à vida cristã em Igreja e ao testemunho no mundo. Hoje como sempre, a Igreja é chamada a anunciar o coração trinitário da fé cristã: «É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai» (EG 164).

Este modo de ser e de estar constitui a inspiração fundamental do discernimento que a Igreja é chamada a realizar e o horizonte que há de conduzir a sua ação pastoral.

23. Os cristãos do Patriarcado de Lisboa têm sido convidados pelo seu bispo, D. Manuel Clemente, a adotarem a «sinodalidade como método»¹¹ de vida e ação. Nisto reconhece-se também um fator estruturante do discernimento e do testemunho que a Igreja é chamada a assumir, tarefas a levar a cabo como caminho conjunto e das quais todos os batizados, de acordo com a variedade dos seus carismas, são corresponsáveis. Como método fundamental, o princípio sinodal há de suportar e estar refletido no olhar eclesial sobre a realidade e nos critérios evangélicos que hão de orientar esse olhar. Neste sentido, a *sinodalidade* ou a eclesialidade pode ser igualmente considerada um critério fundamental do discernimento e ação eclesiais.

CRITÉRIOS DE DISCERNIMENTO E AÇÃO

24. Com base na exortação *Evangelii Gaudium*, nas indicações do Cardeal Patriarca D. Manuel Clemente e nos diversos contributos que prepararam o *Sínodo diocesano*, podem elencar-se oito critérios de discernimento e ação eclesiais:

¹⁰ Cf. D. MANUEL CLEMENTE, «A missão como propósito e a sinodalidade como método. Introdução ao programa diocesano 2015/16», in *Vida Católica* 4ª série – III/6 (maio/agosto 2015), 13-15.

¹¹ D. MANUEL CLEMENTE, «A missão como propósito e a sinodalidade como método. Introdução ao programa diocesano 2015/16», in *Vida Católica* 4ª série – III/6 (maio/agosto 2015), 14: «A sinodalidade [...] significa congregação de pessoas e ideias, num caminho comum em que todos cabem e são igualmente reconhecidos: famílias, paróquias, institutos religiosos e seculares [...], movimentos e iniciativas, no respectivo contributo e mutuamente indispensáveis».

25. *Crítério do tempo*: os desafios da hodierna realidade social e eclesial requerem uma especial disponibilidade para acompanhar pessoas e situações. Esta disponibilidade brota da consciência crente de se ser sempre povo em caminho no seguimento de Jesus. Isto permite «trabalhar a longo prazo», sem a «obsessão» nem a «ansiedade» de obter «resultados imediatos» (EG 223). Respeitando o critério do tempo, torna-se possível abrir horizontes maiores e olhar todas as situações como estando potencialmente orientadas para a vida evangélica. Assim, agir-se-á de tal forma que não se faça coincidir o ponto de partida com a meta do caminho. Os desafios da evangelização mostram como não está ao alcance do agir eclesial determinar os passos da conversão ao Evangelho, mas sim assistir e animar a todos nesse processo. No concreto, isto supõe uma presença cristã mais ocupada em «iniciar processos do que [em] possuir espaços» (EG 223).
26. *Crítério da unidade*: a consciência de que partilhamos uma mesma condição e dignidade e de que pertencemos a uma mesma comunidade – humana e eclesial, no caso dos batizados – leva-nos a reconhecer que a «unidade prevalece sobre o conflito» (EG 226). Esta convicção deverá traduzir-se em critério concreto de discernimento e ação, levando a que se anteponha e dê prioridade ao que gera a comunhão sem anular a diversidade e ao que aumenta a solidariedade sem ceder ao sincretismo. Não se trata de ignorar o conflito ou as polaridades que atravessam a Igreja e a sociedade. Trata-se sim de as hierarquizar em função da comunhão e do bem comum e de as situar num contexto em que essas polaridades se tornem forças regeneradoras da realidade.
27. *Crítério da realidade*: partir da realidade, tal como ela é e se nos mostra, define um outro critério que há de estruturar o discernimento e a ação das comunidades cristãs. Procedendo assim, estas agem à imagem e semelhança do Senhor Jesus, Ele próprio Palavra eterna encarnada na nossa realidade humana e que anunciou o Reino dos Céus a partir da realidade do seu mundo e daqueles que encontrou. Um saudável realismo aberto à esperança emerge, portanto, como outro eixo estruturante da presença eclesial. O discernimento evangelicamente inspirado impele a agir considerando a «realidade superior à ideia» (EG 231). Novamente, não se trata de abdicar dos grandes ideais cristãos nem da sua força motivadora. Trata-se sim de reconhecer que a ideia pode interpretar a realidade, mas nunca a pode substituir. Um discernimento e ação pastoral realistas parecem ser exigências tanto do estilo evangélico de Jesus como das necessidades da evangelização no nosso tempo.
28. *Crítério da totalidade*: há uma totalidade no Evangelho que a Igreja é chamada a guardar e a assumir na forma como olha o mundo e age no seu seio. Essa

totalidade do Evangelho é plenitude e, por isso, não é mero somatório de partes. A necessária atenção ao particular não deve, portanto, fazê-la perder de vista que «o todo é superior à parte» (EG 234). A ação eclesial, tendo sempre em vista «todos os homens» e o «homem todo» (cf. EG 181), encontrará neste critério da totalidade ou da universalidade ou da plenitude um horizonte que a deve guiar. À sua luz, tanto a obra da evangelização como a profética defesa do bem comum tornam-se serviço à «plenitude da existência humana» (EG 224) e nela encontram a sua medida e o seu critério.

29. *Critério da autenticidade*: vive-se hoje o que alguns descreveram como «uma era da autenticidade»¹². Num tempo em que o despertar da fé conhece profundas transformações, o testemunho da autenticidade cristã mostra, pelo contrário, uma crescente capacidade interpeladora¹³. Constatando este facto, a Igreja em Lisboa há de reconhecer a autenticidade das buscas de tantos seus contemporâneos e fazer da autenticidade evangélica um critério central da sua ação pastoral. Trata-se de privilegiar aquelas formas de presença eclesial «ligadas ao núcleo do Evangelho», em detrimento de formas demasiado ligadas a «normas e preceitos eclesiais que podem ter sido muito eficazes noutras épocas, mas já não têm a mesma força educativa como canais de vida» (EG 43).
30. *Critério da inclusão*: a fidelidade à missão que lhe foi confiada exige que a Igreja assuma como autêntica tarefa o cumprimento do programa enunciado por Jesus na sinagoga de Nazaré: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor» (Lc 4, 18-19). Estas palavras da Escritura constituem o fundamento do critério da inclusão. Na sua ação evangelizadora, a Igreja é chamada a fazer-se pobre com os pobres, comovendo-se diante dos dramas da humanidade, ouvindo o clamor dos que sofrem e concretizando uma verdadeira opção preferencial pelos mais vulneráveis e marginalizados. Como «mãe de coração aberto», ela é também chamada a cuidar espiritualmente de todos aqueles que vivem nas mais diversas periferias existenciais e geográficas, procurando que sintam a comunidade cristã como a sua casa (cf. EG 46.199). A vivência do valor da inclusão na Igreja constitui um dos fundamentos da sua credibilidade e contribui para a construção da verdadeira paz e justiça sociais.

¹² Cf. C. TAYLOR, *A Secular Age*, Harvard University Press, Cambridge, MA – London 2007, 473-504.

¹³ Cf. EG 100.

31. *Critério familiar*: o Novo Testamento apresenta-nos um modelo de evangelização ligado à «casa» (cf. Rom 16, 3.5.10-11), evocando com este conceito a rede de comunidades domésticas que formavam a Igreja de uma cidade. O conceito de família foi-se alargando da consanguinidade à fraternidade em Cristo, de modo que numa mesma comunidade coabitavam pessoas de diferentes condições sociais (cf. Fm 16). Nas cartas de Paulo, a Igreja é também apresentada como família de Deus (cf. Gl 6,10). O critério familiar oferece uma chave de leitura para o desenvolvimento de modelos evangelizadores que estabeleçam correlações entre as noções de «casa» e de «família» e as práticas eclesiais. O agrupamento de novos «setores humanos» e a constituição de «novos territórios culturais» colocam a Igreja diante do desafio da construção do diálogo e do fomento da fraternidade (cf. EG 74). O critério familiar aponta ainda para a relevância que as famílias têm para a Igreja, quer enquanto sujeitos de evangelização, quer como laboratórios de sociabilidade.
32. *Critério da qualidade e da beleza*: «não queremos oferecer aos outros algo de má qualidade» (EG 156). Esta indicação do Papa Francisco impõe-se hoje como um critério regulador da ação eclesial. Se o encanto do Evangelho brota de um impulso da graça, a forma pela qual ele pode ser suscitado e alimentado requer uma qualidade na ação que a mera boa vontade não pode garantir. Este critério da qualidade estender-se-á a todos os domínios da vasta presença eclesial e terá de ser suportado por propostas sólidas de formação dos cristãos. A Igreja também não quer oferecer algo que desfigure a beleza do Evangelho. Ciente de que «todas as expressões de verdadeira beleza podem ser reconhecidas como uma senda que ajuda a encontrar-se com o Senhor Jesus», ela assume também a busca do belo como «via» (EG 167) e critério orientador da sua presença e atividade¹⁴.
33. Elencados estes oito critérios inspiradores do discernimento em Igreja e reguladores da sua ação, reconhece-se ainda a pertinência do anticritério apontado pelo Papa Francisco: «fez-se sempre assim» (EG 33). Com efeito, nem sempre os cristãos têm sabido vencer a inércia e a acédia pastoral (cf. EG 82) que os fecha aos apelos de Deus e às necessidades do mundo. Animada por este processo sinodal de «conversão pastoral e missionária», a Igreja em Lisboa assume a carência de fundamento de tudo quando se faz apenas e só porque sempre assim se fez e abraça com ousadia o convite a «não deixar tudo na mesma» (EG 25).

¹⁴ Qualidade e beleza eram já características propostas pelo Patriarca D. José Policarpo para as iniciativas eclesiais (cf. D. JOSÉ POLICARPO, «Carta pastoral: “Missão na Cidade”», in *Vida Católica* 3ª série – V/15 (setembro/dezembro) 2003, 148).

III. «*Não deixar tudo na mesma*» (EG 25): para uma conversão pastoral e missionária

34. O olhar evangélico sobre o mundo e a Igreja e os critérios para a ação eclesial anteriormente sistematizados constituem os fundamentos a partir dos quais se procura apontar perspectivas de ação pastoral. O caminho sinodal empreendido na diocese de Lisboa seguiu uma metodologia pastoral articulada em torno de dois momentos fundamentais. O primeiro momento centrou-se na leitura e reflexão da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. O segundo procurou desafiar os diversos grupos e comunidades a «ensaiar» concretizações missionárias das intuições lançadas pelo texto. De um modo geral, evidencia-se um dinamismo evangelizador nas preocupações e nas formas de ação de um grande número de cristãos abertos a «opção missionária capaz de transformar tudo» (EG 27) e mais apta à evangelização do mundo atual.
35. A conversão pastoral e missionária da Igreja implica uma maior dedicação e competência dos seus agentes pastorais. No âmbito de uma compreensão da Igreja como «sacramento universal da salvação» (LG 48) e na consciência de que «evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo» (EG 176), todos são chamados a exercer a sua missão em comunhão com uma «visão global» da ação evangelizadora da Igreja (cf. EN 26). Esta visão integral do agir eclesial deriva da própria missão de Cristo compreendida na sua tríplice dimensão sacerdotal, profética e real (cf. CIC cân. 204). Como ação orgânica, a ação pastoral procura promover a comunhão (cf. NMI 43). É com base nestes princípios que se formularão os desafios lançados à Igreja de Lisboa durante o itinerário sinodal.

DIMENSÃO SACERDOTAL: CELEBRAÇÃO DA FÉ E VIDA ESPIRITUAL

36. A celebração da fé constitui um dos elementos centrais da evangelização e da vida cristã. Nela se celebram os mistérios da fé, se festejam os progressos na evangelização e se colocam sob o olhar da misericórdia de Deus o pecado e o fracasso experimentados na vida e na ação pastoral (cf. EG 24). É também na celebração litúrgica que se renova para cada cristão o encontro pessoal e comunitário com o Senhor, para o qual concorrem todas as outras formas de cultivo da vida espiritual (cf. EG 3; ClgC 1112). Neste âmbito, destacaram-se os seguintes aspetos no caminho sinodal:
37. *Viver a liturgia como lugar de encontro.* A liturgia é lugar de encontro com Deus. Além da beleza dos espaços e dos ritos, da música e do canto, a celebração da fé é

chamada a educar para a interioridade e para o silêncio, criando momentos que disponham à escuta de Deus. Neste sentido, chama-se a atenção para a necessidade de formação litúrgica das comunidades, para que tanto os que exercem ministérios, como toda a assembleia entre em diálogo com o Senhor. É, por isso, de grande utilidade uma permanente catequese mistagógica que introduza toda a comunidade na vivência dos tempos litúrgicos e na compreensão dos seus símbolos e ritos (cf. EG 166; DD 1).

38. *Despertar o desejo de Deus e propor o seguimento de Cristo na preparação para os sacramentos.* Pela liturgia a Igreja contacta com muitas pessoas que procuram Deus mas que, por motivos vários, se distanciaram da Sua presença eclesial. A preparação para os sacramentos, sobretudo os de iniciação e o Matrimónio, reveste-se de particular importância evangelizadora. O acolhimento pastoral dos que pedem os sacramentos e as pedagogias adotadas na preparação dos mesmos devem proporcionar uma experiência feliz quer sob o ponto de vista humano quer eclesial. Os contactos ocasionais com a Igreja aquando da celebração dos sacramentos são oportunidades para se voltar a falar de Deus e a despertar o desejo de um encontro com Ele. Nesta perspectiva, proponham-se formas concretas de prosseguir no seguimento de Cristo e na fidelidade à própria vocação assentes numa pedagogia da fé e do amor que faça entender a vida cristã como caminho a percorrer em vista da maturidade cristã (cf. AL 211).
39. *Celebrar a liturgia na atenção aos percursos pessoais.* A Igreja é chamada a uma atitude de acolhimento e de valorização do percurso humano de cada pessoa. Os momentos sacramentais são, por excelência, lugares onde a pessoa se envolve existencialmente e a sua vida pode vibrar de sentido novo, pela celebração litúrgica e pela hospitalidade da comunidade. No caso do Batismo das crianças, os pais são convidados a aprofundar o significado litúrgico e espiritual do batismo e a celebrá-lo na comunidade cristã. A celebração das exéquias constitui também uma ocasião para se fazer sentir a solicitude de mãe da Igreja. As iniciativas relacionadas com a descoberta e celebração do sacramento da Reconciliação constituem, em muitos casos, momentos felizes de descoberta do sentido da vida.
40. *Cultivar a vida interior.* A vida espiritual caracteriza-se por uma abertura constante à ação do Espírito Santo fazendo florescer a riqueza da graça e da vocação batismal. Neste sentido, as comunidades cristãs são chamadas a ser verdadeiras escolas de oração (cf. NMI 33) providenciando oportunidades de cultivo da interioridade e regeneração da fé, guardando especial atenção aos agentes pastorais (cf. EG 77). Além das propostas concretas a nível paroquial, interparoquial ou diocesano, adquire particular relevo o acompanhamento

espiritual por parte dos sacerdotes. No entanto, o cultivo da vida espiritual é um processo que diz respeito a cada cristão. Valorizam-se, neste contexto, a descoberta da vocação à santidade, no horizonte da própria fé como vocação; a iniciação à oração pessoal e comunitária; o envolvimento em grupos de oração; a vivência dos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação quer pela meditação orante da Palavra de Deus e da adoração eucarística, quer através do exame de consciência; a participação em retiros, exercícios espirituais e peregrinações e outras dimensões e práticas de cultivo da vida interior.

41. *Valorizar as expressões de religiosidade popular como abertura ao Evangelho.* As formas de religiosidade popular tradicionais encontram na atualidade dinamismos de continuidade intergeracional e até de refundação. Através delas é possível «captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se» (EG 123). Neste sentido, a piedade popular mantém uma força evangelizadora que não pode ser subestimada. Constituída como «lugar teológico», ela transporta a grande história da salvação para a história quotidiana e concreta de cada pessoa, nas vicissitudes concretas do seu existir (cf. EG 126). Por outro lado, as manifestações religiosas encarnadas na cultura do nosso povo podem ser sinais de abertura ao Evangelho e constituir-se como autênticos preâmbulos para a fé cristã. Face às ambiguidades presentes em muitas manifestações de religiosidade popular também é evidente que ela precisa de ser evangelizada. Este processo evangelizador alcança-se na medida em que as formas populares de viver a fé estiverem intimamente unidas ao acontecimento cristão, sendo para isso fundamental apresentá-las em consonância com a fé revelada. Também é necessário que tanto no sentido da festa, na devoção mariana, no culto dos santos, na peregrinação ou na comemoração dos fiéis defuntos, todas as respostas existenciais que se procuram encontrem acolhimento e realização na graça de Deus.

DIMENSÃO PROFÉTICA: ANÚNCIO E TESTEMUNHO DO EVANGELHO

42. O anúncio e o testemunho do Evangelho constituem um dos âmbitos onde se sente a urgência e a necessidade da transformação missionária da Igreja, uma vez que o anúncio explícito do Evangelho constitui a sua prioridade absoluta (cf. EG 110). O sinal profético engloba todos os dinamismos de encontro entre a mensagem evangélica e a situação de vida de cada pessoa. No centro deste encontro está o anúncio fundamental e primordial que exprime o amor salvífico de Deus, prévio a qualquer obrigação moral e religiosa, que não impõe a verdade mas faz apelo à liberdade e é marcado pela alegria, ânimo e vitalidade. Por outro lado, as disposições requeridas às comunidades e aos evangelizadores são proximidade e abertura ao diálogo, bem como paciência e acolhimento cordial (cf.

EG 165). Neste contexto, apresentam-se os seguintes desafios apontados pela caminhada sinodal:

43. *Aceitar a surpresa de Deus.* Uma das regras supremas da evangelização consiste em aceitar a liberdade surpreendente da ação de Deus, «que é eficaz a seu modo e sob formas tão variadas que muitas vezes nos escapam, superando as nossas previsões e quebrando os nossos esquemas» (EG 22). Assim, um dos desafios colocados pelo caminho sinodal de Lisboa consiste em reconhecer que Deus continua a amar o mundo de forma única e a fazer-se presente nos acontecimentos e na história de cada pessoa de forma inesperada. As diversas modalidades de regresso do religioso na nossa sociedade e as formas plurais de procurar Deus apontam, como parte integrante da ação evangelizadora da Igreja, para a descoberta de formas de acompanhamento dos «buscadores de Deus» no seu itinerário espiritual.

44. *Promover o diálogo intercultural e religioso.* O diálogo com as diferentes culturas e religiões presentes na sociedade atual constitui um dos grandes desafios colocados ao anúncio da mensagem cristã. Antes de mais, a contemplação da diversidade cultural e religiosa convida ao reconhecimento de que Deus vive no meio das pessoas e das realidades humanas. Ao mesmo tempo, compromete-nos a todos na promoção de uma cultura do encontro, numa harmonia entre diversas nacionalidades, sensibilidades e grupos. A abertura ao diálogo, à partilha e à reflexão deve fortalecer sempre mais a consciência da própria identidade, de modo a favorecer uma compreensão mútua que a todos enriqueça. Na promoção do diálogo intercultural e religioso deve constar todo um conjunto de preocupações relacionadas com as problemáticas fundamentais da existência, tais como a solidariedade, a paz e a justiça social, a educação a saúde e a prevenção, a defesa da vida e a promoção da dignidade da pessoa humana, bem como a proteção e defesa do ambiente. O diálogo intercultural tem de apostar na definição de opções conjuntas na prossecução do bem comum e na troca de experiências de convivência (cf. EG 220). Assumem particular relevo o compromisso ecuménico como busca conjunta da unidade e o diálogo inter-religioso como contributo essencial para a paz mundial (cf. EG 244.250). Reconhecendo as diferenças notórias face à cultura europeia, com profundas raízes cristãs, adquire particular relevo, no contexto atual, o diálogo com o Islão (cf. EE 57).

45. *Tornar credível a comunicação e adotar novas linguagens.* Um dos desafios colocados à prática pastoral atual prende-se com a credibilidade da sua comunicação, tanto na maneira como ela se realiza no interior da Igreja como no

diálogo com o exterior. Os esforços realizados nas últimas décadas têm diversificado as formas e as instâncias que organizam a comunicação eclesial, que se estendem desde as estruturas organizadas institucionalmente a iniciativas livres de grupos e indivíduos. No campo pastoral, o recurso às tecnologias de comunicação tem-se revelado fecundo em âmbitos como o ensino religioso, a catequese e a formação de adultos. Reconhece-se que podem ser mais bem exploradas noutras áreas, tais como a Liturgia e a administração paroquial. A transmissão de celebrações e outras iniciativas através dos meios de comunicação contém um forte dinamismo evangelizador. A presença da Igreja nas redes sociais torna possível a existência de debates públicos e de livre expressão de opinião. Estas aparecem hoje como novos areópagos onde os cristãos encontram oportunidade para testemunharem a sua fé. Progressivamente, as tecnologias de informação constituem cada vez mais o universo mental, cultural e relacional em que vivemos. As linguagens da fé também encontram expressão nesse ambiente digital¹⁵. Torna-se imperioso, neste âmbito, desenvolver competências eclesiais na criação de novos símbolos, sinais e formas de beleza consonantes com os diversos ambientes culturais que, podendo não ser particularmente significativos para os evangelizadores, o serão para os seus destinatários (cf. EG 167).

46. *Fazer da Palavra de Deus o lugar onde nasce a fé.* A Palavra de Deus tem uma importância nuclear na vida da Igreja, no percurso de fé dos crentes e na construção da sua própria personalidade. Ela faz nascer a Igreja e desperta a fé em cada momento da vida. É urgente recolocar a Palavra de Deus no centro da vida das comunidades cristãs, mobilizando os recursos necessários para que seja conhecida, escutada, meditada, rezada, celebrada, vivida e testemunhada (cf. EG 174-175). Neste sentido, destaca-se a importância da leitura orante da Escritura e a formação bíblica. A Palavra de Deus está presente em todos os momentos da evangelização, desde o primeiro anúncio às formas que conduzem à maturidade da fé. Ela tem um papel fundamental nos processos de conversão e de crescimento na fé e de discernimento das motivações para seguir Jesus. As diferentes modalidades de evangelização devem ter a Palavra de Deus como elemento estruturante. Merece especial destaque, neste contexto, a homilia. Sendo para muitos cristãos o momento evangelizador por excelência, requer-se preparação e não improvisação; que tenha uma base bíblica, interpele a vida da comunidade cristã e introduza no mistério que se celebra. Finalmente, a Palavra de Deus constitui o itinerário fundante de uma catequese de acompanhamento dos adultos na fé.

¹⁵ Como exemplos dessa presença, podem-se indicar algumas iniciativas: Ivangelho, Ibreviary, Click to Pray, Passo a rezar, aplicação «Missas em Lisboa».

47. *Fomentar uma pastoral de acolhimento.* O acolhimento pastoral constitui um desafio permanente da Igreja. De um bom acolhimento depende, em grande medida, a constituição de laços de pertença à Igreja. Além de espaços acolhedores é necessária a formação dos agentes pastorais para o sentido do verdadeiro acolhimento do outro, que implica a escuta e o diálogo pacientes. Por isso, não se pode reduzir o acolhimento paroquial a uma mera lógica de repartição de serviços religiosos. À semelhança do que fazia Jesus, é necessário um verdadeiro acolhimento humano onde «todos possam encontrar sempre um sim à pessoa que são»¹⁶. O desenvolvimento de uma pastoral de acolhimento exige redobrada atenção e discernimento pastoral quando se trata de questões relacionadas com a celebração dos sacramentos e o desempenho de determinadas funções eclesiais. O acolhimento implica, ainda, a capacidade de uma «saída» ao encontro dos que são diferentes.
48. *Propor percursos de iniciação diferenciados.* Um dos desafios colocados à atual prática eclesial prende-se com a preocupação por garantir percursos de iniciação à fé. No caso das crianças e adolescentes este processo decorre, normalmente, seguindo o itinerário catequético. No caso dos adultos, as propostas são mais diversificadas, mas menos estruturadas. Tanto num caso como noutro, constitui uma preocupação pastoral o facto de que muitos não permaneçam num caminho de amadurecimento da fé depois da celebração dos sacramentos de iniciação. Neste sentido, considera-se prioridade pastoral a organização do catecumenado dos adultos. Por outro lado, a organização da catequese das crianças deve colocar como critério de passagem de uma etapa à seguinte o crescimento humano e espiritual. Se no contexto de uma catequese massificadora e totalizante as formas de catequisar e os processos de iniciação eram formalmente igualitários, hoje assistimos a uma maior diversidade no que respeita às práticas catequéticas e às formas de garantir o acesso aos sacramentos. A atual situação reclama um sério discernimento do caminho a seguir no que diz respeito aos critérios de acesso aos sacramentos, em benefício da comunhão diocesana.
49. *Proporcionar experiências de interioridade na catequese.* O entendimento atual da catequese como uma «aprendizagem de toda a vida cristã» (AG 14) tende a englobar de forma consistente, a par da aquisição de conhecimentos e dos exercícios morais, dimensões que valorizam a interioridade, dando assim à catequese um cunho querigmático e mistagógico. São muitas as iniciativas que procuram tornar a catequese um espaço de reflexão e silêncio, onde as crianças e os adolescentes são convidados a compreender e interiorizar a presença de Jesus

¹⁶ D. MANUEL CLEMENTE, «Homília na missa de entrada como Patriarca de Lisboa: “Reedificar na paz a cidade de todos”», in *Vida Católica* 4ª série – I/1 (julho/dezembro) 2013, 38.

nas suas vidas e a desenvolver uma relação com Ele. A catequese inicia, assim, à experiência de Deus e à descoberta dos seus sinais na vida de cada um, prestando um auxílio ímpar no discernimento da própria vocação. Adquirem especial relevo, neste contexto, e antes de tudo o mais, um verdadeiro ambiente vocacional que leve a amar a vontade de Deus e a decidir a vida segundo a mesma, bem como experiências de âmbito social, cultural e desportivo, realizadas com crianças, adolescentes e famílias, no sentido de tornar a experiência cristã mais encarnada. A crítica à escolarização da catequese exige modelos que se situem numa dinâmica catecumenal que a libertem das estruturas tradicionais e a abram à dimensão experiencial e comunitária da vida cristã (cf. EG 166).

50. *Velar pelos recomeços da fé.* A situação daqueles que por algum motivo redescobrem a fé cristã constitui um desafio para a evangelização. Nestes casos, trata-se de reavivar a fé daqueles que a vivem como um simples costume ou se afastaram dela. A Igreja deve estar atenta aos sinais da procura espiritual e estimular o desejo de Deus onde se verifica uma sede de vida com sentido. Ela é chamada a interpretar esta presença de «buscadores de Deus» como uma oportunidade única, não só para os ajudar no seu caminho pessoal, mas também para se questionar sobre a sua identidade e missão, ensaiando modalidades que favoreçam a integração destes novos membros. Nestes casos, o anúncio da fé centra-se no querigma e assume a forma de um segundo primeiro anúncio, ou seja, aquele anúncio fundamental que tem de se ouvir muitas vezes (cf. EG 164; EE 46). Para os que recomeçam é necessária uma nova apologética que proponha em linguagem audível os elementos constitutivos da iniciação cristã: o Credo, os sacramentos, as bem-aventuranças, o Pai-nosso.

DIMENSÃO REAL: SERVIÇO E CUIDADO DO PRÓXIMO

51. O serviço e o cuidado do próximo estão intimamente ligados ao anúncio do Evangelho (cf. EG 177). São inúmeras as manifestações evangelizadoras que se desenvolvem no âmbito da pastoral socio-caritativa. O caminho sinodal apontou, neste âmbito, alguns desafios:
52. *Sair com Cristo ao encontro de todas as periferias sociais e geográficas.* Este desafio constitui uma prioridade da ação evangelizadora da Igreja. Implica uma opção preferencial pelos pobres e uma proximidade aos excluídos em ordem à promoção da sua dignidade, nos seus diversos níveis (saúde, educação, habitação, emprego). Exige, ainda, uma aposta no trabalho formativo com as famílias e contextos sociais mais vulneráveis, uma sensibilização da comunidade eclesial para «ouvir o clamor do pobre» (EG 187; cf. EG 200) e o fortalecimento da sua responsabilidade social. Finalmente, reclama a necessidade de se acompanharem

as constantes formas de reorganização social, decorrentes de transformações geográficas e urbanas, e as rápidas mudanças ao nível das condições de mobilidade das populações.

53. *Intensificar o carácter evangelizador das instituições sociais da Igreja.* As instituições sociais da Igreja têm como missão responder com prontidão e competência às necessidades das populações. No entanto, a urgência de uma resposta imediata sobrepõe-se, frequentemente, à dinamização de processos educativos capazes de dar um rosto evangélico a essas instituições. Neste processo é necessário cuidar, em primeiro lugar, da sua identidade cristã e da formação dos seus principais agentes. Neste âmbito, têm sido desenvolvidos projetos educativos de formação que visam diretamente os colaboradores das instituições, dando-lhes a conhecer os princípios da fé cristã e da Doutrina Social da Igreja e trabalhando sobre o perfil humano e espiritual próprio do colaborador de uma instituição social católica. Elas são, também, chamadas a desenvolver processos de evangelização adaptados aos diversos públicos com os quais contactam¹⁷.
54. *Fomentar a cooperação entre as instituições e apostar na formação dos gestores.* No atual contexto, sente-se a necessidade de fomentar uma maior cooperação entre as instituições, potenciando, quando possível, a sua proximidade geográfica. Assim criar-se-á uma rede mais capaz de responder aos desafios que se colocam no diálogo com as entidades públicas e civis e de estimular a coerência de princípios de gestão e de formação técnica especializada. A situação presente reclama dos gestores graus de competência e profissionalismo que nunca descurem, entre outros, o sentido de responsabilidade da própria missão, o conhecimento da legislação e o cumprimento da mesma, a gestão equilibrada dos diversos recursos, a consciência da situação económica da instituição e sua sustentabilidade financeira. Exige-se, ainda, uma visão global dos diversos desafios lançados a estas organizações, a procura de soluções antecipadas para os problemas e a aposta em iniciativas inovadoras que favoreçam modos diversos de exercer este serviço.
55. *Diversificar as formas de presença da Igreja nos diversos âmbitos da vida.* A pastoral social abrange uma diversidade de formas de presença da Igreja na sociedade e um vasto campo de intervenção. A Igreja é chamada a estar presente em todos os âmbitos da vida social contribuindo para a edificação da cidade dos

¹⁷ Destaca-se, neste campo, o projeto «Despertar da fé», direcionado para as crianças do pré-escolar e respetivas famílias. Nesta linha, seria desejável que se desenvolvessem projetos semelhantes direcionados a outros grupos.

homens. Neste sentido, toda a comunidade eclesial e, nesta, muito particularmente os cristãos leigos, devem empenhar-se em todas as causas que promovam e defendam a dignificação da pessoa humana, favorecendo, pelo diálogo sensato e cordial, uma apresentação positiva da sua proposta moral e social¹⁸. É fundamental, ainda, acompanhar o trabalho dos profissionais, promovendo o seu associativismo e fomentar a formação de agentes pastorais capazes de intervir nos diversos âmbitos da vida social.

56. *Anunciar os valores cristãos na escola e na universidade.* A Igreja é chamada a formar as novas gerações oferecendo-lhes o tesouro dos valores cristãos, de modo a promover uma presença transformadora do Evangelho no meio do mundo. A educação é um espaço privilegiado para promover uma evangelização da cultura e semear o futuro da fé. Valorizam-se e acalentam-se os esforços realizados neste âmbito tanto a nível público como privado. A presença da Igreja no mundo da educação deve oferecer uma visão cristã das realidades humanas e critérios de abordagem crente às problemáticas da existência, propor uma relação viva com Jesus e o sentido de pertença à Igreja fomentando um compromisso pessoal e social na construção da sociedade.

57. *Abrir a todos as portas da esperança.* As comunidades cristãs são chamadas a ser lugares de esperança e «oásis de misericórdia» (MV 12). Isto supõe que se aceite cada pessoa na situação em que se encontra. A criação de espaços de acolhimento, escuta e reflexão permitirá que todos, em Igreja, se possam sentir em casa. Neste sentido, é urgente sair ao encontro dos pobres e dos excluídos, dos migrantes e dos refugiados, dos doentes e dos presos, dos abandonados e dos que vivem na solidão, partilhando com eles as suas dores e angústias e conduzindo-os à alegria e à esperança, mediante uma presença e um cuidado eficazes (cf. GS 1). É necessária, também, uma maior preocupação com as necessidades espirituais das pessoas, atendendo aos seus múltiplos problemas, situações de violência (física e psicológica) e experiências de perda. Finalmente, tenha-se como grave preocupação o acompanhamento de todos os que passam por experiências de desagregação familiar.

A dinâmica evangelizadora da esperança reclama uma conversão mental das prioridades da evangelização. Ao estilo evangélico de agir, concretizado em múltiplos sinais, gestos e atitudes, corresponde a convicção de que o anúncio do amor de Deus precede a «obrigação moral e religiosa» (EG 165); a proximidade, a

¹⁸ Na tessitura da «ordem temporal» indicam-se alguns campos onde os cristãos leigos são chamados a exercer o seu apostolado: científico e cultural (LG 36; AA 1; GS 62; AG 21); familiar (LG 35; AA 4.11; GS 47); social, económico, político (GS 77); ético e bioético; campo ecológico (LS 6.14.137).

escuta e o diálogo preparam o anúncio explícito do Evangelho e a alegria do dom respeita a liberdade de resposta e o compromisso (cf. EG 129, 165).

EDIFICAÇÃO COMUNITÁRIA E VIVÊNCIA DA COMUNHÃO PARA O SERVIÇO DO MUNDO

58. A transformação missionária da Igreja engloba uma preocupação pelo bem do mundo e das pessoas que nele habitam. A consciência da sua responsabilidade na «construção da nossa casa comum» (LS 13) e na promoção do diálogo em prol da dignidade da pessoa humana levam-na a aceitar com ousadia e humildade o desafio de ser «casa e escola da comunhão» (NMI 43). Neste sentido, antes de qualquer programação, torna-se necessário «promover uma *espiritualidade da comunhão*, elevando-a ao nível de princípio educativo em todos os lugares onde se plasma o homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, os consagrados, os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades» (NMI 43). É sob o prisma de uma *espiritualidade de comunhão* que se lançam desafios relativos à edificação comunitária e à composição sinodal da vida eclesial.
59. *Viver a misericórdia, rosto da comunhão e alma da missão.* Existe uma relação intrínseca entre missão, comunhão e misericórdia. A misericórdia está no núcleo do querigma cristão: «Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar» (EG 164). A vivência da misericórdia, como atributo do Pai «rico em misericórdia», como expressão do rosto do Filho e como coração pulsante do Espírito (cf. MV 1.11-12), manifesta-se na comunhão da Igreja e sustenta a sua missão. Com efeito, sem a misericórdia o anúncio do Evangelho corre o risco de não ser compreendido (cf. NMI 50). Nesta perspetiva, a misericórdia é rosto da comunhão num duplo sentido. Em primeiro lugar, refere-se à comunhão com Deus e à contemplação do seu mistério de amor gratuito. Em segundo lugar, é rosto da comunhão com os irmãos, porque leva a descobrir o outro como «próximo», criando espaço para ele, partilhando as suas alegrias e sofrimentos, intuindo os seus anseios, curando as suas feridas e oferecendo-lhe uma «verdadeira e profunda amizade» (NMI 43; cf. EG 270). A transformação missionária da Igreja requer, por isso, que em tudo se manifeste a misericórdia como arquitrave que suporta a sua vida (cf. MV 10).
60. *Fazer da Igreja uma rede de relações fraternas.* A Santíssima Trindade é a fonte e o modelo da comunhão humana e, por isso, também origem e sustento da comunhão eclesial. A esta luz um dos pontos essenciais na edificação comunitária prende-se com a atenção à vida fraterna nas paróquias e comunidades. Dela depende, em grande parte, a sua capacidade evangelizadora. Torna-se, por isso, necessário formar grupos de crentes que releiam a vida pessoal e comunitária à

luz do Evangelho, fomentar a comunhão entre grupos da mesma paróquia, transformar os espaços eclesiais habituais tornando-os mais fraternos e acolhedores, partilhar os recursos pastorais com paróquias próximas e dinamizar uma pastoral de conjunto, evitando dispersão de recursos e de energias. Também é urgente velar pela colaboração entre os diversos ministérios e instâncias eclesiais, motivando e incrementando o trabalho em equipa. Consciente de que nem tudo pode ser determinado por si, a Igreja diocesana é chamada a acompanhar, agradecida, a gestação de dinamismos de cooperação entre diversos organismos e grupos eclesiais¹⁹. Finalmente, no contexto cultural hodierno, é urgente criar novos modos de presença junto dos nossos contemporâneos, propondo-lhes de novo o Evangelho e a sociabilidade em que ele nos introduz.

61. *Promover a atualidade evangelizadora da paróquia.* A paróquia constitui uma imprescindível realidade evangelizadora. Mesmo necessitando de uma renovação constante (cf. CFL 26) e de uma revisão dos seus pressupostos evangelizadores em ordem a uma pastoral em chave missionária, a paróquia continua a ser «presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração» (EG 25). A reflexão sinodal apontou como uma das principais prioridades na reformulação da função evangelizadora da paróquia a passagem de um modelo territorial e rural a um paradigma pastoral que englobe os desafios lançados pelas sociedades urbanas e que vá ao encontro da mobilidade e diversidade dos ritmos de vida das pessoas. Continuando a ser lugar de irradiação do Evangelho, a paróquia é chamada a colocar todos os seus meios e potencialidades ao serviço do «sonho missionário de chegar a todos», assumindo um estado permanente de missão tanto para os batizados, como para os que ignoram Cristo ou dele se afastaram, o recusam ou prescindem d'Ele nas suas vidas.
62. *Apreciar o contributo evangelizador dos diversos carismas.* As associações, grupos, comunidades, movimentos, institutos religiosos e demais realidades eclesiais contribuem a seu modo e segundo o seu carisma próprio para a riqueza da vida diocesana. É de valorizar o seu trabalho em prol da revitalização das comunidades cristãs, da animação espiritual dos fiéis, do serviço aos mais pobres e excluídos e de um forte empenhamento cultural. No entanto, estas realidades eclesiais não podem ser vistas apenas como recursos colocados ao serviço da evangelização em âmbitos onde não chega a pastoral tradicional, mas ser apreciadas como dons do Espírito em ordem à edificação da comunidade eclesial.

¹⁹ Citam-se, a título de exemplo, as seguintes experiências: Missão País, Rede de Campos de Férias Católicos, Núcleos de pastoral universitária.

63. *Suscitar uma cultura missionária e vocacional.* O testemunho dos jovens que participaram na iniciativa sinodal manifesta a riqueza de experiências missionárias por eles realizadas. A missão é lugar de crescimento humano e espiritual, quer pelo encontro com realidades humanas marcadas pela fragilidade, quer pela leitura orante da Palavra de Deus que sustenta a vida e dá sentido à missão. Reconhece-se uma dificuldade generalizada em suscitar uma dinâmica vocacional que provoque uma resposta ao Deus que fala e chama, tanto no âmbito comunitário e familiar, como no acompanhamento dos mais jovens. Porque a Igreja de Lisboa «precisa de jovens capazes de dar resposta a Deus que os chama, para voltar a haver famílias cristãs estáveis e fecundas, para voltar a haver consagrados e consagradas que trocam tudo pelo tesouro do Reino de Deus, para voltar a haver sacerdotes imolados com Cristo pelos seus irmãos e irmãs»²⁰, é necessário não só conferir dimensão vocacional aos percursos catequéticos, mas também ousar propor concretamente a vocação matrimonial, sacerdotal, religiosa e missionária como opção de vida.
64. *Formar sacerdotes em ordem à comunhão e à missão.* A transformação missionária da Igreja implica de forma direta os sacerdotes, servidores da comunhão na Igreja e da sua missão evangelizadora (cf. PDV 16). Neste sentido, é necessário cuidar da essencial dimensão missionária dos futuros e atuais ministros ordenados e estimular o testemunho de comunhão na vida em presbitério. Além disso, torna-se também urgente favorecer a integração dos sacerdotes oriundos de outros contextos culturais e eclesiais, promovendo um conhecimento mútuo e iniciativas que promovam a fraternidade sacerdotal. A presente situação da Igreja exige uma particular atenção à coordenação da ação pastoral e missionária. O Espírito não cessa de criar novas possibilidades no que diz respeito à diversidade e estabilidade da união de paróquias geográfica e socialmente próximas, à distribuição mais adequada dos recursos humanos e materiais e à participação e colaboração de todos numa dinâmica de pastoral de conjunto.
65. *Promover a recomposição familiar da vida comunitária.* A importância da família para a vida de toda a sociedade é também um benefício para a Igreja, como escreve o Papa Francisco: «A Igreja é família de famílias, constantemente enriquecida pela vida de todas as igrejas domésticas. Assim, em virtude do sacramento do matrimónio, cada família torna-se, para todos os efeitos, um bem para a Igreja» (AL 87). Nesta perspetiva, a atenção a cada pessoa tem de ter em conta a sua realidade familiar. Exige-se, portanto, que cada paróquia se questione

²⁰ PAPA FRANCISCO, «Discurso do Papa Francisco aos Bispos Portugueses em visita “ad Limina Apostolorum”», in *Lumen* série III – 76/5 (Setembro/outubro) 2015, 6.

acerca das redes que a constituem e suportam, descubra a riqueza e valorize o contributo das famílias²¹.

São muitas as famílias que não tendo uma prática religiosa regular procuram a Igreja para celebrar um sacramento ou para solicitar a catequese para as crianças. Num contexto de maior distância cultural face ao mundo da fé, este facto constitui uma oportunidade para que se proponham aos adultos formas concretas de descoberta da fé e de primeiro anúncio que favoreçam a sua integração eclesial. A formação e acompanhamento das famílias, nas suas complexas problemáticas, favorecem o nascimento de dinamismos fecundos de colaboração entre elas e as comunidades cristãs. Neste sentido, incentivem-se iniciativas pastorais que devolvam à família a dignidade da sua função educativa. O medo de arriscar tende a adiar a tão desejada transformação missionária da Igreja na sua relação com a família.

66. *Formar discípulos missionários.* A importância do testemunho e coerência de vida dos agentes pastorais, fruto do seu encontro pessoal com Cristo, é uma preocupação para a Igreja. Neste sentido, é necessário criar espaços onde os agentes pastorais alimentem a sua relação com Jesus que os chama e envia; espaços onde possam partilhar as suas questões mais profundas e as preocupações quotidianas, onde tenham oportunidade de discernir em profundidade e com critérios evangélicos sobre a própria existência e experiência (cf. EG 77). O entusiasmo missionário, a alegria na evangelização, a irradiação da esperança, a opção pela ternura, a fraternidade e comunhão, a vivência do Evangelho, a oração e o perdão mútuo, constituem traços essenciais da espiritualidade própria do agente pastoral (cf. EG 108-171). A sua formação deve englobar, também, competências de ordem teológica, cultural e pastoral que favoreçam um discernimento evangélico de todas as questões e uma leitura crente da atualidade, em vista de uma presença «dos valores cristãos no mundo social, político e económico» (EG 102).
67. *Promover a consciência missionária dos batizados.* Todo o povo de Deus, em virtude do seu batismo, é chamado a anunciar o Evangelho. Esta é uma dimensão da vida cristã nem sempre presente na consciência de muitos batizados. O novo contexto cultural, marcado por uma acentuada crise da transmissão da fé e de uma ineficácia das estruturas tradicionais de veicular a mensagem cristã, também não permite que muitos sintam «a suave e reconfortante alegria de evangelizar» (EN 80). Neste contexto, a missão propõe-se sob a forma de contágio e atração, de proximidade e contacto pessoal. Esta é uma maneira de anunciar o Evangelho que

²¹ D. MANUEL CLEMENTE, «Comunicação sobre a Exortação Apostólica “*Amoris Laetitia*”», (<http://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?id=6398>).

diz respeito a todos os batizados: «é cada um levar o Evangelho às pessoas com as quais se encontra» manifestando uma disponibilidade permanente de lhes oferecer o amor de Jesus (EG 127).

68. *Viver a sinodalidade como estilo da ação eclesial.* A experiência recente da Igreja de Lisboa garante-nos, na senda da renovação eclesiológica promovida pelo Concílio Vaticano II, que a sua transformação missionária acontece também na medida em que fizer da sinodalidade o método da ação eclesial. Neste sentido, impõe-se ponderar a real vitalidade das suas estruturas de participação e valorizar as expressões de sinodalidade existentes ou a implementar. Para que isso aconteça, fomenta-se a criação de espaços de encontro e de partilha, de estudo e de reflexão; promova-se a comunhão e a coordenação entre os diversos organismos diocesanos, nomeadamente os da Cúria; incrementem-se estruturas de sinodalidade, tais como equipas vicariais de coordenação pastoral e outros organismos previstos pelo direito (conselho económico, conselho pastoral paroquial)²². No contexto atual, espera-se dos ministros ordenados um estímulo à participação de todos, promovendo uma autêntica cultura da sinodalidade na Igreja.

69. *Com Maria, Mãe e modelo da Igreja Evangelizadora.* Estrela da Evangelização, Maria é «exemplo daquele amor materno, do qual devem estar animados todos quantos, na missão apostólica, cooperam na regeneração dos homens» (RM 92). Com Maria, a Igreja descobre um estilo materno de evangelizar, composto por «ternura e afeto», feito de prontidão e alegria, capaz de «reconhecer os vestígios do Espírito Santo» e de «contemplar o mistério de Deus no mundo, na história e na vida diária» (cf. EG 5.288). Como a Mãe do coração aberto, a Igreja é chamada a «sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas» e a «ser sempre a casa aberta do Pai onde há lugar para todos», sobretudo para os humildes, os pobres, os famintos e os fatigados (cf. EG 46-48). Com Maria, a Igreja de Lisboa é chamada a festejar cada passo dado em frente na evangelização e a exultar no Senhor que nela «manifesta o poder do seu braço» e realiza maravilhas (cf. EG 24; Lc 1, 46-55).

AÇÃO EVANGELIZADORA EM ORDEM A UMA IGREJA EM «SAÍDA» MISSIONÁRIA

70. A caminhada sinodal parece apontar alguns caminhos de renovação eclesial que se centram nas seguintes opções fundamentais, cujas ações de concretização apenas se apontam como pistas de ulterior reflexão.

²² Cf. CIC cân. 536.537.

- a) Opção missionária e evangelizadora: Missão
 - a. Fazer da missão o paradigma da ação evangelizadora da Igreja, saindo ao encontro de todas as periferias;
 - b. Centrar o conteúdo da evangelização no querigma, fazendo ressoar em todas as partes o primeiro anúncio da fé;
 - c. Propor de novo o caminho da fé aos indiferentes e afastados;
 - d. Desenvolver uma autêntica missão *ad gentes* nos diversos âmbitos sociais e culturais;
 - e. Explorar todas as dimensões sociais do querigma, nomeadamente na edificação da comunidade humana e no compromisso com os outros;

- b) Opção comunitária: Comunidade
 - a. Efetivar a conversão pastoral das estruturas eclesiais e adotar, efetivamente, um estilo sinodal de viver e decidir em Igreja;
 - b. Dinamizar a missão evangelizadora da paróquia como «casa» aberta a todos promovendo também uma pastoral de conjunto através da criação de unidades pastorais;
 - c. Favorecer o acolhimento de todos, deixando-se acolher por eles;
 - d. Valorizar o papel dos movimentos e outras comunidades eclesiais na pastoral diocesana;
 - e. Fomentar a dinâmica familiar e comunitária da vida cristã;

- c) Opção iniciática: Iniciação cristã
 - a. Promover uma iniciação cristã baseada numa pedagogia catecumenal e vocacional da fé;
 - b. Acompanhar os batizados ao encontro com Jesus Cristo e anunciar o querigma aos afastados e não crentes;
 - c. Dinamizar a catequese e a formação de todos em ordem ao seu encontro com Deus, à sua integração na comunidade e ao seu testemunho apostólico;
 - d. Favorecer o nascimento da fé com base na relação direta com os textos Bíblicos;
 - e. Personalizar os itinerários de iniciação e de re(iniciação) em ordem à vida cristã e não dos sacramentos a receber;

- d) Opção familiar: Família
 - a. Caminhar com todas as famílias, valorizando o que têm de bom, apontando caminhos e anunciando o Evangelho da vida e da família;
 - b. Propor aos jovens o Matrimónio como ideal de vida e de santidade, apostando na sua preparação na juventude e no tempo de namoro;

- c. Dinamizar iniciativas que favoreçam o desenvolvimento das dimensões próprias da espiritualidade conjugal;
 - d. Apontar a vida familiar como sinal credível e eficaz de evangelização;
 - e. Acompanhar, discernir e integrar as fragilidades da vida familiar;
- e) Opção vocacional: Vocação e Ministérios
- a. Apontar para uma vivência vocacional da existência e da vida da fé;
 - b. Dinamizar a pastoral vocacional junto dos jovens acompanhando-os no seu caminho;
 - c. Repensar a vocação sacerdotal e a formação nos seminários;
 - d. Valorizar os ministérios laicais apontando para a especificidade da sua vocação e missão;
 - e. Redescobrir a especificidade própria dos leigos no mundo como agentes transformadores da sociedade;

O *Sínodo diocesano* de Lisboa é uma ocasião propícia para se assumir a missão como propósito do ser Igreja e a sinodalidade como estilo da vida em comunidade. A Igreja em Lisboa quer ir além do sonho que a move e encarnar neste tempo o rosto da beleza do Pai, os gestos da caridade do Filho e a força surpreendente do Espírito, que a faz dizer ao mundo em nome do seu Senhor: «*Eis que faço novas todas as coisas*» (Ap 21, 5).

ÍNDICE DE SIGLAS

- 1Cor - *Primeira carta aos Coríntios*
- AA - *Decreto Apostolicam Actuositatem;*
- Act - *Actos dos Apóstolos;*
- AG - *Decreto Ad Gentes;*
- AL - *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia;*
- Ap - *Livro do Apocalipse;*
- CIC - *Código de Direito Canónico;*
- CIGC - *Catecismo da Igreja Católica;*
- DD - *Carta Apostólica Dies Domini;*
- EE - *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Ecclesia in Europa;*
- Ef - *Carta aos Efésios;*
- EG - *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium;*
- EN - *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Evangelii Nuntiandi;*
- EV - *Carta encíclica Evangelium Vitae;*
- Gn - *Livro do Génesis;*
- GS - *Constituição Pastoral Gaudium et Spes;*
- Hb - *Carta aos Hebreus;*
- Lc - *Evangelho segundo S. Lucas;*
- LG - *Constituição Dogmática Lumen Gentium;*
- LS - *Carta encíclica Laudato Si';*
- Mc - *Evangelho segundo S. Marcos;*
- Mt - *Evangelho segundo S. Mateus;*
- MV - *Misericordiae Vultus. Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia;*
- NMI - *Carta Apostólica Novo Millennium Ineunte*
- PDV - *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis*
- RM - *Carta encíclica Redemptoris missio*
- .

Índice

DOCUMENTO DE TRABALHO	1
I. «[UMA] MUDANÇA DE ÉPOCA» (EG 52): ESCUTAR O MUNDO E OLHAR A IGREJA.....	2
<i>Escutar o mundo</i>	<i>3</i>
<i>Olhar a Igreja</i>	<i>6</i>
II. «DISCERNIR [...] COM CRITÉRIOS EVANGÉLICOS SOBRE A PRÓPRIA EXISTÊNCIA E EXPERIÊNCIA» (EG 77): CRITÉRIOS PARA A AÇÃO ECLESIAL	9
<i>Critérios fundamentais</i>	<i>9</i>
<i>Critérios de discernimento e ação</i>	<i>10</i>
III. «NÃO DEIXAR TUDO NA MESMA» (EG 25): PARA UMA CONVERSÃO PASTORAL E MISSIONÁRIA	14
<i>Dimensão sacerdotal: celebração da fé e vida espiritual</i>	<i>14</i>
<i>Dimensão profética: anúncio e testemunho do Evangelho</i>	<i>16</i>
<i>Dimensão real: serviço e cuidado do próximo.....</i>	<i>20</i>
<i>Edificação comunitária e vivência da comunhão para o serviço do mundo.....</i>	<i>23</i>
<i>Ação evangelizadoras em ordem a uma igreja em «saída» missionária</i>	<i>27</i>
ÍNDICE DE SIGLAS	30